

A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e cariocas

The author function and the Sports Chronicles in Brazil: the representations of the World Cup in some newspapers from São Paulo and Rio de Janeiro

José Carlos Marques | zeca.marques@faac.unesp.br

Docente do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). É Doutor em Ciências da Comunicação (Habilitação Jornalismo) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciou-se em Letras (Português Francês) pela Universidade de São Paulo. Durante o biênio 2007-2008, foi Coordenador do Núcleo de Pesquisa (NP) Comunicação Científica da Intercom, entidade da qual é o Diretor Administrativo (2008-2011). É autor do livro “O futebol em Nelson Rodrigues” e é líder do GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol, vinculado à UNESP.

Resumo

A partir da década de 1990, os jornais brasileiros passaram a recorrer à convocação de diferentes personalidades para comentar as Copas do Mundo de futebol em suas páginas esportivas. Este artigo procura analisar esse fenômeno à luz do conceito que o filósofo francês Michel Foucault chamou de “função autor” – aquela função que se estabelece pela existência, circulação e funcionamento de alguns discursos no seio de determinado público

Palavras-chave: crônica; Copa do Mundo de Futebol; Jornalismo Brasileiro.

Abstract

From the 1990s, Brazilian newspapers began to refer to the convening of different personalities to comment on the World Cup soccer in their sports pages. This article seeks to examine this phenomenon under the notion that the French philosopher Michel Foucault called the “author function” - one that establishes the existence, circulation and functioning of certain discourses within a specific audience.

Keywords: *Chronic; World Cup Soccer; Brazilian Journalism.*

Introdução

Até meados da década de 1980, os principais jornais brasileiros destacavam um ou no máximo dois jornalistas para assinar as colunas e crônicas por ocasião das disputas do Brasil nas Copas do Mundo de futebol. A presença cada vez maior de colunistas e cronistas nos jornais paulistas e cariocas, a partir da década de 1990, representa assim um fenômeno muito característico de nossa imprensa esportiva contemporânea. Nas últimas duas décadas, os quatro principais jornais do eixo Rio-São Paulo (os diários paulistanos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, e os cariocas *O Globo* e *Jornal do Brasil*), passaram a convocar diversos escritores e cronistas para comentar as Copas do Mundo de futebol, e, além disso, inflacionaram seus cadernos esportivos durante a realização desses eventos.

Diante da concorrência acirrada dos grandes conglomerados empresariais, o meio impresso não poderia mais ignorar a força do esporte, especialmente a mobilização econômica advinda com o mercado publicitário em épocas de Copa do Mundo, algo que se intensificou mais acentuadamente em 1994, ano do Mundial dos EUA. Por essa época, a *Folha de S. Paulo*, em análise de seu ombudsman, refletia bem essa nova postura dos jornais diante da nova realidade imposta pelo futebol: “O esporte ele mesmo mudou, e nunca influenciou tanto o comportamento, nem criou tantos ídolos, nem lançou tantas modas, nem movimentou tanto dinheiro como nos últimos anos.” (Junia Nogueira de Sá, “A hora da virada”, *Folha de S. Paulo*, 20/07/94, 6)

Se o esporte passa a ocupar, timidamente no início do século XX, as páginas dos principais diários brasileiros – primeiramente sem especialização dos jornalistas, que atuavam de modo amador –, não tardaria para que as seções esportivas ganhassem cada vez mais espaço, a ponto de se tornarem, ao longo da década de 1990, o alvo de maiores patrocínios dentro do jornal. E mesmo antes, com o tricampeonato mundial de futebol conquistado pelo Brasil em 1970, os principais jornais do eixo Rio-São Paulo já haviam começado a dedicar cada vez mais espaço à cobertura desse esporte por ocasião das Copas do Mundo seguintes, ainda mais devido aos investimentos maciços que passaram a envolver as transmissões televisivas dos jogos. E, com a onipresença da televisão na mediação desse evento, a mídia impressa precisou reinventar seu trabalho diante do poderio da imagem dos monitores de TV.

Um dos principais recursos utilizados foi a convocação de escritores, jornalistas, cantores, esportistas e outras celebridades, que passaram a assinar crônicas e colunas nos principais diários brasileiros, como forma de compensar coberturas que se pretendiam cada vez mais objetivas e próximas do referente. Esse contingente, que passou a surgir em épocas de Copas do Mundo nos jornais brasileiros, pode ser distribuído da seguinte maneira:

1) Grupo 1: formado pelos jornalistas esportivos que já assinam suas colunas nos cadernos esportivos mesmo em épocas que não englobam as Copas do Mundo.

2) Grupo 2: formado pelos cronistas dos cadernos de Cultura e por escritores

conhecidos do grande público (como Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Verissimo, João Ubaldo Ribeiro, Mario Prata, Paulo Coelho, Nelson Motta).

3) Grupo 3: formado por jornalistas de outras editorias do próprio jornal, como Economia, Política etc., incluindo-se aqui os chargistas e colunistas de humor.

4) Grupo 4: formado por personalidades alheias à prática jornalística; é o caso de celebridades da política, do esporte (jogadores, ex-atletas, técnicos, juízes) ou do mundo artístico (cantores, atores, diretores de teatro, publicitários, modelos).

À exceção do primeiro grupo, que já trabalha ordinariamente com o esporte nas páginas dos jornais, os outros três grupos são formados por personalidades convocadas extraordinariamente para comentar as Copas do Mundo de quatro em quatro anos. É essa presença maciça de textos assinados pelas “celebridades” e pelos escritores que pode ser enquadrada naquele fenômeno que o filósofo francês Michel Foucault (1992) procurou nomear como “função autor”, ou seja, aquela função que se estabelece pela existência, circulação e funcionamento de alguns discursos no seio de determinado público. O discurso de um escritor, filósofo ou jornalista atingirá o status da “função autor” se conseguir ser recebido de maneira especial pelo seu público, alcançando, em determinados lugares, um estatuto que o singulariza. O autor define-se, para Foucault, como um campo de coerência teórica ou conceitual, e mantém uma unidade de escrita que, mesmo nas diferenças que provoca, faz-se entender como evolução de seu ato criador.

Na Idade Média, os textos técnicos, médicos, matemáticos e científicos, de modo geral, eram aceitos apenas quando traziam o nome de seu autor. A literatura, no entanto, formava-se e era posta em circulação por meio de escritores anônimos. A partir do século XVIII, houve uma inversão no modo de recepção desses textos, conforme demonstra Foucault: os discursos científicos passaram a ser aceitos desde que pertencentes a um conjunto sistemático e coletivo de pesquisa, que lhes assegurasse a validade junto a seu respectivo meio. Os discursos ditos literários, por outro lado, já não podiam ser mais validados se não contivessem a “função autor” (o anonimato literário passou a não ser mais suportável):

Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer ‘isto foi escrito por fulano’ ou ‘tal indivíduo é o autor’, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. (FOUCAULT, 1992, 45)

O próprio Foucault, aliás, voltaria ao tema em outro texto (*A ordem do discurso*), explicitando as particularidades da função autor na modernidade:

Desde o século XVII, esta função não cessou de se enfraquecer no discurso científico: o autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome. Em contrapartida, na ordem do discurso literário, e a partir da

mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1996, 27-28)

Alguns autores teriam ainda a particularidade de não ser apenas os criadores de suas obras, mas de formular também a regra de formação de outros textos. Seriam, neste caso, “fundadores de discursividade” e criadores de uma “tipologia dos discursos”, para usar uma terminologia de Mikhail Bakhtin. Nelson Rodrigues, cujas crônicas esportivas foram lançadas em livro pela Editora Companhia das Letras justamente antes da Copa do Mundo de 1994¹, representa um desses fundadores de discursividade, já que nenhum outro jornalista esportivo passou a ser tão citado e recolhido intertextualmente como ele:

Nelson Rodrigues sempre disse que sem paixão é impossível até chupar um Chicabom. E quem há de contestá-lo? Algum jornalista esportivo que pretenda a absoluta isenção diante dos fatos que envolvem a maior paixão de todos os brasileiros vivos ou mortos? (Nelson Motta, O Globo, 15/07/94).

A importância disso, como diz Foucault, está na premência de uma análise histórica dos discursos, ou seja, na necessidade de se estudar os discursos não somente pelo seu valor de expressão ou pelas transformações formais que ele opera, mas sim nas modalidades de sua ocorrência: como ele circula e se valoriza, como os discursos variam com cada cultura e se modificam no interior de cada uma etc. Já o semiólogo e estruturalista Roland Barthes, ao formular a relação entre autor-leitor sob uma ótica diferente da que vimos na “função de autor” de Michel Foucault, procura negar a importância das condições biográficas e pessoais do falante no entendimento da obra literária, mas reafirma a importância da autoria:

Como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapausada, já não exerce sobre a obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa: mas no texto, de certa maneira, eu desejo o autor: tenho necessidade de sua figura (que não é nem sua representação nem sua projeção), tal como ele tem necessidade da minha. (BARTHES, 2002, 35)

Os cronistas e colunistas também acabam sendo os responsáveis por operar uma “construção social de dois níveis”, expressão utilizada pelo filósofo francês Pierre Bourdieu (1997) a respeito das competições esportivas dos tempos de hoje. Para Bourdieu, o atleta e sua performance fazem parte de um espetáculo que é produzido duas vezes: numa primeira instância, temos a produção operada pelos agentes esportivos *strictu sensu*, ou seja, todos aqueles indivíduos que estão diretamente envolvidos na realização e condução do jogo

(atletas, juízes, treinadores, médicos, organizadores e, de certa maneira, a platéia do estádio); numa segunda instância, há a produção do espetáculo realizada pela mídia – seja pelo discurso radiofônico, televisivo ou jornalístico, seja pela edição de imagens da TV. Nesta segunda instância, trava-se outra disputa, alheia àquela que ocorre no plano esportivo: trata-se, aqui, da briga pelo furo ou pela audiência, resultado de pressões por vezes maiores do que aquelas com que os atletas se deparam no campo de jogo.

Nesse sentido, é singular verificarmos como a crônica adequou-se ao mundo do futebol e como o seu desenvolvimento nos jornais acompanhou também a popularização dessa modalidade esportiva nas grandes cidades, ambos como sintoma do crescimento urbano do país: isto porque as figuras do colunista ou do cronista de esporte não são invenção recente da imprensa brasileira. E mesmo quando dedicavam pouco espaço à cobertura futebolística nos campeonatos regionais, os principais diários paulistanos e cariocas não ficavam indiferentes às coberturas das Copas do Mundo, especialmente a partir da conquista do tricampeonato do Brasil no México, conforme atesta José Sebastião Witter no artigo “Futebol... futebol”:

À medida em que os campeonatos se repetem e os clubes se organizam esse torna mais complexa toda a disputa, maior é o espaço reservado para notícias e comentários sobre futebol. Não houve, pelo menos até a década de 20, manchetes de primeira página, nem jornais somente esportivos, mas houve sempre o registro dos fatos acontecidos no esporte que engatinhava. (WITTER, 1982, 81)

De todo modo, os diários esportivos há muito tempo utilizam-se desse recurso para incrementar o noticiário sobre o futebol. O *Jornal dos Sports*, já na Copa de 1950, contava com as colunas e crônicas de Mario Filho, José Lins do Rêgo, Tomaz Mazzoni e Vargas Netto comentando o Mundial realizado no Brasil. Poucos anos depois, caberia ao jornal *Última Hora* enriquecer a cobertura esportiva ao diferenciar-se dos demais diários cariocas com os quais competia. Nos dizeres de Samuel Wainer, a receita de sucesso de seu novo empreendimento seria dispor de “*muitos colunistas*” e abordar “*assuntos habitualmente desprezados pela imprensa – esporte e polícia, por exemplo*”. (WAINER, 1993, 135) A contribuição da *Última Hora* ao noticiário esportivo não se esgotaria nesses aspectos, mas também no lançamento de novas seções e no fato de que notícias esportivas e policiais passaram a freqüentar assiduamente a primeira página, numa ousadia inusitada para um veículo que buscava concorrer com a *Tribuna da Imprensa*, *O Globo* e *Diário de Notícias*. Em 1951, Wainer apresentaria outra inovação surpreendente:

Pela primeira vez na história da imprensa brasileira a foto colorida de um time de futebol [o Fluminense] saiu na primeira página de um jornal. A edição esgotou-se rapidamente e eu descobri a cor, que seria um dos ingredientes mais picantes da receita de sucesso da ‘Última Hora’. (WAINER, 1993, 146)

Em 1962, a presença de colunistas era marcante na *Última Hora*: entre outros nomes, assinavam colunas, por exemplo, os jornalistas Jacinto de Thormes (“Sociedade e adjacências”), Paulo Francis (“Show business”) e

Marques Rebelo (“Conversa carioca”). Na editoria de Esportes, havia Wilson do Nascimento (“Na reta final”, sobre turfe), Albert Laurence (“Ponto de vista”) e João Saldanha (“Contra-ataque”). Em 24 de maio de 1962, a *Última Hora* trazia um anúncio na primeira página sobre a cobertura do jornal para a Copa do Mundo do Chile: intitulado “UH no ‘front’ da Copa 62”, a peça fazia alusão ao “escrete nacional de repórteres e colunistas” convocados para cobrir o evento diretamente do Chile. Ao todo, eram oito pessoas, entre repórteres, fotógrafos e colunistas (estes, representados por João Saldanha, Albert Laurence e Jacinto de Thormes).

Assim, é pioneira a presença do cronista Sérgio Porto (1923-1968), por meio de seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta, nas páginas esportivas da imprensa brasileira. Em suas crônicas, escritas sobre a Copa do Mundo de 1962, disputada no Chile, Stanislaw refere que era contratado por vários jornais: *Estas páginas vêm sendo escritas no correr dos jogos mesmo. A pressa em remetê-las para o Brasil e a obrigação de escrever para vários jornais, me obriga a isto.*² Trata-se de textos que representam um grande exercício do olhar, já que o autor diz escrever seus textos na tribuna do Estádio, ao mesmo tempo em que o jogo acontece. Temos aqui comentários jornalísticos que compõem uma espécie de “reportagem esportiva”, em que a metalinguagem e o tom ficcional estão sempre presentes, o que aproxima a escrita da linguagem falada em função da instantaneidade do discurso:

Outra vez escrevendo à máquina, com Leonor correndo no campo. Isto é de lascar, mas a culpa é minha: não tinha nada que assinar o contrato para escrever estas páginas. Enfim, aqui está a intemorata semi-portátil na Tribuna Pacífico de la Prensa, do Estádio Nacional de Chile, pronto para contar o que acontecerá. (Stanislaw Ponte Preta, Bola na rede: a batalha do bi. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993, 55)

Depois de Sérgio Porto, a presença extraordinária de outro ficcionista numa cobertura de Copa do Mundo se deu com o escritor Fernando Sabino, convidado pelo *Jornal do Brasil* para comentar a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Apenas em 1986 esse fenômeno viria a se repetir: João Ubaldo Ribeiro seria convidado por *O Globo* para comentar a Copa do México, trabalho também realizado por Luis Fernando Verissimo, só que para a Revista *Playboy* – que, por ser uma edição mensal, difere totalmente do propósito do jornalismo impresso diário. Já na Copa de 1990, o mesmo Verissimo escreveria textos diários para *O Estado de S. Paulo*, diretamente da Itália, ao lado do contista João Antônio, que, no entanto, permanecera no Brasil e publicava textos sem grandes vínculos com o torneio – tratava-se, em suma, de narrativas e histórias sobre torcedores e outros casos ligados ao mundo do futebol.

Por outro lado, os textos dos escritores e cronistas (permeados de emotividade e de recriações ficcionais dos fatos analisados, a par de um refinado trabalho com a linguagem) são seguidos de perto pelos cronistas dos cadernos de cultura dos principais jornais brasileiros. Aqui, é necessário destacar o outro pioneirismo do jornalista Nelson Motta, que nunca trabalhou numa editoria de Esportes mas que, em 1970, foi convidado por Samuel Wainer a cobrir a Copa do México. Na época, Nelson Motta mantinha na *Última Hora* uma coluna de artes e cultura intitulada “Roda Viva”, e foi o único jornalista brasileiro

“não esportivo” presente na cobertura do torneio. Segundo o próprio Motta (em entrevista concedida a este autor em 27 de dezembro de 2001, por telefone), tratou-se de “uma cobertura improvisada e precária, com pouquíssimos recursos, pois o telex, por exemplo, não funcionava. Foi um trabalho tímido e familiar”. Em 1978, Nelson Motta escrevia uma coluna também de artes e cultura no jornal *O Globo*, e o novo convite para cobrir uma Copa partiu de seu chefe de redação (Evandro Carlos de Andrade). Nesse caso, o trabalho foi mais organizado e mais profissional, e Nelson Motta continuava a ser o único jornalista fora do esporte a manter uma coluna específica sobre o evento, analisando as partidas e a campanha da seleção brasileira.

Esse tipo de profissional é convidado em função de sua competência e pelo reconhecimento público dessa competência (o que a lingüística textual chama de ‘aceitabilidade’): o autor vira personagem e fonte de prestígio e de credibilidade para a empresa; e o nome do autor passa a ser a rubrica da edição e o seu aval maior – em última palavra, a grife da mensagem:

[a crônica] não participa do ambiente do jornal; escapa ao processo de produção jornalística convencional; independe da formação profissional técnica; não obedece às determinações de tempo e de espaço típicas; foge às regras de interesse informativo convencionalmente estabelecido para o jornalismo. Enfim, é jornalística apenas como oposição ao que hoje chamamos de jornalismo. Colocada desta forma, a crônica é, hoje, o avesso do jornalismo, é seu lado crítico, libertário, inovador e humanizado, o que vem sendo asfixiado pelo império da técnica industrializada. (“Crônica”, Andréa Guaraciaba, em Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo, IPCJE-ECA/USP, São Paulo, 1992, 86)

É digno de destaque verificar como os jornais costumam recorrer aos nomes consagrados, às grandes personalidades, ou simplesmente à opinião pessoal e polêmica (em última instância, ao fenômeno de uso das “grifes” ou à “função autor”, de Foucault) para impor-se frente à concorrência. Quando as Organizações Globo adquiriram em São Paulo o *Diário Popular* e o rebatizaram de *Diário de S. Paulo* em 2001, as peças publicitárias de rádio e TV que anunciavam a novidade apelavam ao diferencial dos “22 colunistas” que o jornal mantinha em diferentes áreas. E mesmo os sítios dos principais jornais brasileiros da atualidade mantêm hoje um link exclusivo, normalmente identificado como “colunistas” ou “colunas” para remeter aos profissionais mantidos sob contrato, incumbidos de comentar e escrever sobre os acontecimentos do dia-a-dia.

Em épocas de Copa do Mundo, especialmente nas últimas edições desse evento, o número de colunistas e cronistas chegou a números elevados nos principais jornais brasileiros, demonstrando que as “opiniões de grife” continuam representando um recurso importante na guerra mercadológica do meio impresso. Assim como os jornais recebem altos investimentos durante as Copas por meio das cotas de patrocínio, a cobertura acaba inchando também em função do maior número de páginas que devem ser ocupadas na cobertura do evento. Como o espaço dedicado ao futebol aumenta, a forte presença de colunistas e cronistas representa assim, além da ocupação desse espaço inesperado e de uma nova oferta ao leitor, uma arma de cada veículo para combater

os jornais concorrentes.

Diante do novo leque de oferta para o futebol, há espaço para diversos tipos de texto, para todos os gostos – desde os mais científicos, que só falam de táticas e regras, até os mais impressionistas e passionais, geralmente escritos por personalidades que não têm grande relação com o esporte. Dessa maneira, supera-se uma tradição que chegou a ser anunciada no desenvolvimento da imprensa esportiva diante da evolução que o futebol teve com o aprimoramento físico e tático das equipes nos últimos quarenta anos, conforme atesta Goldgrub:

Na esteira das modificações por que vem passando o futebol, a crônica esportiva enfatizou a atuação dos craques (décadas de 30, 40, 50), passou a incluir a tática entre suas preocupações (60, 70) e atualmente leva em conta principalmente o preparo físico e as jogadas ensaiadas. (GOLDGRUB, 1990, 72)

Essa tendência extremamente tecnicista na análise dos jogos por parte de alguns jornalistas brasileiros não se dá sem resistência. Atualmente, essa regra não pode ser considerada ao pé da letra, mesmo porque sempre houve aqueles que preferiram cultivar textos com predominância do caráter literário da linguagem, seja pela construção narrativa do fato, seja pela construção poética ou imaginária do texto. Aqui, dificilmente se comentam jogadas ensaiadas ou táticas de jogo, mas sim os aspectos mais universais do futebol, que permitem inseri-lo em outras dimensões inusitadas. Soma-se a isso o fato de que as figuras dos homens da imprensa esportiva continuam exercendo forte apelo junto ao público; no caso dos que aparecem em transmissões ou em programas de televisão, sua visibilidade é tamanha a ponto de também eles se transformarem em agentes do espetáculo (o caso mais exemplar aqui é o do narrador Galvão Bueno, da TV Globo), reafirmando-se assim o esporte elevado à enésima potência, nas definições de Umberto Eco. Ou como bem definiu a antropóloga Simoni Lahud Guedes,

A maioria dos jornalistas esportivos – comentaristas e repórteres – são atores importantes do campo esportivo, sendo muito conhecidos do público, algumas vezes tão populares quanto os jogadores famosos. Operam decisivamente na mediação entre o público e o espetáculo, descrevendo eventos, fornecendo perspectivas de análise, colocando em foco determinados aspectos e obscurecendo outros, estabelecendo correlações e distinções. Elegem os temas e os ângulos de discussão. (GUEDES, 1998, 45)

As coberturas do meio impresso, eminentemente centradas no referente, passaram a buscar compensação na opinião e análises dos colunistas e cronistas, que, por sua vez, mantêm certa independência diante dos jornais para os quais trabalham, já que nem sempre refletem a opinião dos respectivos editoriais. E como muitas colunas são publicadas hoje em dia em mais de um veículo, não se pode dizer que esses profissionais sejam pautados por um mesmo pensamento. Daí poder-se dizer que eles constituem textos independentes com relação ao jornal.

No contexto brasileiro, o esporte, sobretudo o futebol, representa um lugar de possibilidades, porque o sujeito brasileiro se percebe como sujeito de direito no futebol. Na posição de torcedor, esse sujeito ocupa o lugar de enunciação que lhe permite

*uma postura mais participativa e, portanto, contrária à posição de excluído que o discurso fundador do colonizador lhe impingiu desde o descobrimento. (Pascoal Luiz Tambucci, “Pelé, no Masp, reverência a um ícone de realização”, *Jornal da USP*, 18 a 24/03/2002, 20)*

Mas que tipo de olhar diferenciado é oferecido ao leitor por esses cronistas que invadem as páginas esportivas dos jornais brasileiros em época de Copas do Mundo? Apresentaremos a seguir alguns exemplos, a fim de aferir as singularidades desse discurso autoral diante do futebol. Começemos com Luis Fernando Verissimo:

*Como o personagem do poema de T.S. Eliot que podia medir sua vida em colherinhas de café, podemos medir nossos últimos 28 anos em Copas do Mundo. Foram sete, cada uma correspondendo a uma etapa do nosso relacionamento com o futebol, ou com a Seleção, que é o futebol depurado das suas circunstâncias menores, e portanto com o país. (Luis Fernando Verissimo, “A do Pelé”, em *Jornal do Brasil*, 17/05/98)*

De 27 de maio de 1998 até o dia 6 de junho do mesmo ano, Luis Fernando Verissimo publicou, no primeiro caderno do *Jornal do Brasil*, nove crônicas com suas impressões a respeito da participação da seleção brasileira nos mundiais de futebol³, desde a Copa de 1970, disputada no México, até a Copa de 1994, nos EUA. Na primeira dessas crônicas, intitulada “A do Pelé”, o escritor gaúcho dizia ser possível estabelecer correspondências entre a vida de cada um de nós e as Copas do Mundo disputadas nas últimas três décadas. Na obra *Futebol em dois tempos*, de Helio Sussekind, encontra-se uma citação que remete à mesma idéia – a de que eventos futebolísticos são capazes de criar paradigmas temporais na cabeça dos aficionados pelo esporte:

*Tive oportunidade de constatar que a rememoração das partidas decisivas de um campeonato, dos gols de um craque, da obtenção de um título, da inauguração de um estádio, são por vezes os marcos que orientam um torcedor popular ao mapear os tempos fortes de sua biografia, servindo-se dessas referências para instilar um conteúdo coletivo à trajetória pessoal. (Sérgio Miceli, em artigo publicado em 17/09/77 na revista *Isto é*, citado na obra de Helio Sussekind, *Futebol em dois tempos*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996, 73)*

Correlações desse tipo não são comuns para os leitores cotidianos dos cadernos esportivos. Esse tipo de referência será padrão junto aos “profissionais bissextos” que são convocados para comentar o futebol em épocas de Copas do Mundo. Antes desse texto de Verissimo, João Ubaldo Ribeiro nos brindava com uma divertida alusão ao título da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, obtido após a cobrança de pênaltis contra a Itália:

E o nosso gol que não saía! Achei que era porque eu tinha tirado a camisa, vesti a camisa disposto a morrer de insolação e desidratação pela pátria. Não adiantou, como vocês viram. (...) Disputa de pênaltis. Ah, isso não, isso é mortal. Mas de novo não agüentei e foi aí – revele este segredo em absoluta primeira mão – que ganhei o jogo para o Brasil. Depois que Márcio Santos perdeu o primeiro pênalti, descobri que minha credencial estava virada ao contrário. Claro! Era só virá-la para o lado certo nos chutes do Brasil e pô-la ao contrário nos chutes da Itália. O resultado todo mundo sabe. (João Ubaldo

Ribeiro, O Globo, 18/07/94)

Com o título de “Ganhamos porque virei o crachá”, a crônica rearticula fantasiosamente a vitória brasileira e a subordina a uma questão particular, relacionada com as crenças, manias e superstições do torcedor.

Reconstrução igualmente fantasiosa, agora sobre a Copa do Mundo de 1998, na França, é-nos dada por Chico Buarque, que ao comentar os primeiros jogos a que assistiu naquele Mundial recorda que “À espera da Noruega, e estudando outros rivais com gráficos e afincos, vi Áustria x Chile, vi Itália x Camarões, depois vi mais uma partida cujo resultado não recordo, pois era um sonho e só me lembro mesmo do gramado azul” (em *O Estado de S. Paulo*, 21/06/98). Aqui, o relato perde-se na imprecisão (“uma partida cujo resultado não recordo”) e acaba formando um discurso “anti-jornalístico”, anti-referencial (“era um sonho e só me lembro mesmo do gramado azul”).

Algo muito próprio do discurso dos cronistas é o uso da metalinguagem e da ironia, que procura desnudar o processo midiático de construção do texto jornalístico, na mesma medida em que instala a dúvida e o riso na leitura. José Roberto Torero aproveita-se desses recursos, ao referir-se aos prazos de fechamento das pautas jornalísticas e à necessidade de o texto não estar defasado quando chegar às mãos do público:

Caro leitor, tive que escrever essa coluna antes do jogo do Brasil e, como não queria correr o risco de ficar desacreditado, mandei dois textos. Caso o Brasil tenha ganho, leia o primeiro. Em caso de derrota, derrame suas lágrimas sobre o segundo.

Eu sabia, eu sabia que venceríamos! Eu nunca tive medo desse jogo! Taffarel mais uma vez mostrou que é um goleiro experiente, sereno e confiável. (...)

Eu sabia, eu sabia que perderíamos! Eu sempre tive medo desse jogo. Faz séculos que eu venho falando que esse time não tem conjunto. Mas não adianta falar. (José Roberto Torero, Folha de S. Paulo, 04/07/98)

Já na Copa de 2002, o escritor Milton Hatoum estabelece uma correlação formidável entre um conto de Julio Cortazar e o acontecimento inusitado que envolveu o uniforme de um dos jogadores brasileiros, na decisão da Copa do Mundo:

A certa altura do segundo tempo da partida final, um lance sem bola me pareceu fantástico. O jogo foi paralisado para que Edmilson pudesse trocar a camisa rasgada. Edmilson tentou várias vezes vestir a camisa nova. Não dava certo. A cabeça entrava por uma das mangas, os braços pelo buraco da cabeça, ou a cabeça e os braços por buracos errados. O modelo e o corte da camisa anti-sueur dificultaram esse ritual. As camadas de pano formavam várias camisas, de modo que Edmilson não conseguia livrar-se de tantos forros com dobras complicadas. O tempo foi passando, e uma mera troca de camisa tornou-se uma catimba absurda. Foi meio minuto de graça num lance meio fantástico, que me fez lembrar o conto “No se culpe a nadie”, de Julio Cortázar. O título do livro vem a calhar: Final do jogo. Não sei se Edmilson sentiu a angústia do personagem de Cortázar. Mas às vezes, no futebol e na literatura, o imprevisível e o absurdo aparecem com ar de graça. (em Folha de S. Paulo, 03/07/02)

Como vimos brevemente, cronistas e colunistas ocupam um espaço

generoso no jornal a fim de comentar, com maior liberdade, assuntos ligados ao cotidiano pela predominância de juízos deliberadamente pessoais e interpretativos. A primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada assim às últimas conseqüências Colunas e crônicas acabam representando uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. O recurso utilizado pelos jornais de chamar profissionais de outras editorias para comentar as Copas do Mundo tem o intuito justamente de oferecer outras visões sobre o futebol – diferentemente das idéias comuns presentes nas análises dos jornalistas esportivos.

O universo polifônico da crônica brasileira ao longo dos mundiais de futebol reflete a diversidade que advém com a presença de um contingente de profissionais que recusam as obrigações do discurso canônico jornalístico e que, ao mesmo tempo, recusam a formulação padrão que os “entendidos” do futebol procuram explorar, ao circunscrever suas análises apenas no âmbito pragmático da disputa (discutir se o jogador X é melhor do que o jogador Y, qual o melhor esquema tático para a seleção, o que disse o técnico naquela manhã etc.). Os cronistas, com a diversidade de seus textos, superam assim a tirania dos discursos segmentados. A presença desses textos reforça a tentativa de superação daquilo que Mikhail Bakhtin chamou de “abstração dos aspectos expressivos” no jornalismo impresso atual, em que a subjetividade do locutor é mascarada ao extremo por meio de um estilo “objetivo-neutro”. Daí que o estilo da crônica pressupõe uma espécie de identificação entre o destinatário e o locutor e reintroduz, portanto, nas páginas da mídia escrita brasileira, a “função autor” de que trata Foucault.

No jornalismo esportivo brasileiro, os cronistas, esses “pensadores do cotidiano e da vida imediata” vêm sendo os principais responsáveis por manter o futebol ao nível de leitores e torcedores, à medida que o ajustam à sensibilidade do cotidiano por meio de uma linguagem própria do dia-a-dia. Mas, ao mesmo tempo, são os responsáveis por enriquecer o discurso da imprensa por meio de relatos em que se destaca o trabalho de construção literária e que superam as ortodoxias ditadas pelo próprio texto jornalístico. E, na criação dessas palavras sobre o jogo, os cronistas fazem prevalecer o divertido jogo com as palavras, o que reproduz nas páginas dos jornais, de quatro em quatro anos, a festa e a magia que a seleção brasileira cumpre ao longo das Copas.

Notas

¹ Trata-se das obras *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* (1993) e *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol* (1994), ambas as coletâneas organizadas por Ruy Castro.

² Stanislaw Ponte Preta, *Bola na rede: a batalha do bi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, 27. Entretanto, na biografia de Sérgio Porto, (*Dupla Exposição*, de Renato Sergio, Rio de Janeiro, Ediouro, 1998), refere-se que esses textos eram produzidos especialmente para a Revista Fatos & Fatos.

³ Essas crônicas foram reunidas em um só texto e publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* em 7 de junho de 1998, com o título “Recapitulando”.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão (seguido de “A influência do jornalismo” e “Os Jogos Olímpicos”)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, 6ª ed., São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*, 3ª ed., Lisboa: Veja Passagens, 1992.
- GOLDGRUB, Franklin. *Futebol: arte ou guerra?*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Niterói: Eduff, 1998.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver – memórias de um repórter*. (org. Augusto Nunes) 15ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1993.
- WITTER, José Sebastião. (org.) *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.